

RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nessa seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista as quartas-feiras, no *Correio Popular* de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas).

198. FONTE DEMOGRÁFICA DE ALTO VALOR

Joaquim Norberto de Souza e Silva, mais conhecido literariamente apenas por Joaquim Norberto, nasceu no Rio de Janeiro a 6 de junho de 1820 e faleceu em Niterói a 14 de maio de 1891. Romancista, poeta, dramaturgo, filólogo e crítico literário, tem seu nome ligado igualmente à historiografia brasileira através de alguns trabalhos importantes de investigação histórica, ainda hoje altamente considerados. Suas atividades neste campo estiveram quase sempre vinculadas ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para o qual ingressou em 1841 e do qual foi presidente de 1886 até o ano de sua morte. Nas páginas da prestigiosa revista editada pelo Instituto publicou a maior parte de seus escritos no setor das letras históricas.

Dentre estes, dois destacam-se particularmente: a *Memória Histórica e documentada das aldeias de índios da Província do Rio de Janeiro* (1854) e a *História da Conjuração Mineira*, que data de 1873. O primeiro, pela rica documentação que encerra, permanece fonte obrigatória para o estudo da terra fluminense, especialmente para os assuntos ligados a povoamento, ocupação e uso da terra, gêneros de vida, etc., oferecendo, pois, grande interesse para a história social e econômica. Quanto ao segundo, foi, durante muito tempo, combatido principalmente por ter se mostrado pouco simpático à figura de Tiradentes. Saú-lhe em defesa Sílvia Romero, que dele se ocupou em duas ou três páginas de sua

importante *História da Literatura Brasileira*. A obra sobre a Conjunção Mineira mereceu reedição pelo Instituto Nacional do Livro, em 1948, o que não aconteceu com a monografia sobre as aldeias indígenas, que ficou na primeira edição, publicada, aliás, na Revista do Instituto Histórico Brasileiro, cujo tomo XVII ocupou quase todo.

O leitor há de perguntar a que propósito vem esta evocação do historiador fluminense. Simplesmente para registrar uma grande realização recentemente empreendida pelo Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo: a reedição fac-similar de uma obra praticamente esquecida de Joaquim Norberto: *Investigações sobre os recentimentos da população geral do Império e de cada província de per si, tentados desde os tempos coloniais até hoje*. Foi elaborado em 1870 e publicado em anexo ao relatório do ministro do Império, Conselheiro Paulino José Soares de Souza. Trata-se de fonte primordial para a história de nossa formação econômica e social, de alto interesse ainda para os estudos de demografia, tão em evidência na pesquisa histórica moderna. A nota de apresentação do volume dá a entender que o Instituto de Pesquisas Econômicas pretende editar outras obras do gênero, contribuindo, assim, para pô-las ao alcance dos estudiosos, uma vez que todas elas são hoje extremamente raras. E no caso presente, vindo a revelar aspecto praticamente desconhecido da obra de Joaquim Norberto. 19-4-1989.

*

199. O FUNDADOR DOS CARLISTAS NO SUL DO BRASIL

Embora tenha sido publicado há mais de dez anos e eu próprio o houvesse adquirido há quase igual tempo, confesso que só agora ofereceu-se-me a oportunidade de ler *A longa viagem*, do padre Redovino Rizzardo, que trata particularmente da presença de sacerdotes carlistas nas áreas de colonização italiana do Rio Grande do Sul. A "longa viagem", a que se refere o título, alude certamente à excursão realizada no interior daquele Estado pelo Bispo de Placencia (Itália), d. João Batista Scalabrini, ilustre sacerdote italiano que, em fins do século passado, mais precisamente em novembro de 1887, fundou, sob a invocação de São Carlos Borromeu, uma Congregação destinada a dar assistência espiritual aos italianos que, premidos por circunstâncias várias, estavam, naquela época, deixando sua pátria em busca de melhores condições de vida na América, particularmente no Brasil e na Argentina.

O Rio Grande do Sul foi a principal área de atividade desses padres Carlistas ou “scalabrinianos”. Daí o interesse que teve o fundador da Congregação em visitar as colônias gaúchas. A viagem de dom Scalabrini realizou-se no início deste século. Partindo de Nápoles a 17 de junho de 1904, chegou ao Rio Grande no dia 7 de setembro. Demorou-se alguns dias em Porto Alegre, iniciando, depois, a parte mais espinhosa de sua missão: Encantado, Garibaldi, Bento Gonçalves, Veranópolis, Nova Prata, Nova Bassano, etc., lugares hoje facilmente alcançáveis em poucas horas, mas naquele tempo praticamente isolados do mundo, devido as precaríssimas condições de transporte que então assinalavam o interior sul-riograndense. É o próprio “Apóstolo do Migrantes” (como foi chamado) que, a certo momento, desabafa: Aqui estamos como que fora do mundo; não recebo nenhuma notícia senão com muito atraso. Não tenho jornais para ler; estou completamente fora de tudo”.

Importante observar que toda a parte relativa à viagem de dom Scalabrini foi redigida com base no seu próprio diário, que é transcrito na maior parte, constituindo precioso documento de viajante-missionário, dos mais bem elaborados de nossa bibliografia de autores estrangeiros, pois não se ateu o ilustre antífite aos aspectos religiosos, embora estes fossem os predominantes em seu relato, mas nele se encontram também observações de natureza social, econômica e cultural. É claro que tendo ficado tão pouco tempo entre nós (pouco mais de quarenta dias, pois partiu para a Argentina no início de novembro), não pôde o fundador dos carlistas alongar-se e aprofundar-se nas suas impressões. Mas o que escreveu merece toda a atenção. Trata-se de uma edição da Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, de Porto Alegre e o volume integra preciosa coleção comemorativa do centenário da imigração italiana no Rio Grande. 24-5-1989.

*

200. O BRASIL VISTO POR UM JORNALISTA INGLÊS

Ao comparecer como delegado brasileiro à Conferência da Paz, em Haia, em 1907, Rui Barbosa contou, entre os seus assessores, com o jornalista e escritor Batista Pereira, que, pouco depois, viria a tornar-se seu genro. Nascido no Rio Grande do Sul, mas vivendo a maior parte de sua vida em São Paulo e no Rio de Janeiro, Batista Pereira é também nome bastante vinculado a Campinas, pois aqui residiu no começo do século, tendo concorrido com Coelho Neto em concurso para provimento da cadeira de Literatura de nosso antigo Ginásio do Estado. Não logrando êxito, retirou-se para São Paulo e depois para o Rio de Janeiro.

Não era muito favorável ao Brasil o ambiente da Conferência de Haia. E um dos que mais contribuíram para esta situação pouco simpática ao nosso País e ao seu representante, foi o jornalista inglês William T. Stead, "no momento uma influência decisiva na opinião mundial", no conceito de Américo Jacobina Lacombe. E é este mesmo ensaísta quem afirma que coube a Batista Pereira uma tarefa de muita responsabilidade e assás recomendada pelo Barão do Rio Branco, qual a de desfazer a má vontade de William T. Stead em relação ao Brasil e a Rui Barbosa. E tão bem se safou Batista Pereira dessa incumbência que o resultado foi não só a aproximação das duas grandes figuras, mas a conversão de William Stead num fervoroso admirador de Rui, sobre quem acabou escrevendo numerosos artigos, naquele mesmo ano de 1907, em seu periódico "Review of Reviews", sob o título geral de *Brazil at the Hague*. Poucos anos depois, William Stead morria no trágico e até hoje lembrado naufrágio do "Titanic", em 14 de abril de 1912.

Os artigos do jornalista inglês, logo traduzidos por Arthur Bomilcar, vieram a constituir o livro *O Brasil em Haia*, publicado pela primeira vez em 1908 e ao qual o tradutor acrescentou dez discursos proferidos por Rui Barbosa na Conferência da Paz. Até 1925, nada menos de quatro edições de *O Brasil em Haia* foram publicadas; a que apareceu naquele ano já bastante recuado, não traz indicações numérica, limitando-se a indicar "edição definitiva", tendo saído pela Imprensa Nacional do Rio de Janeiro.

Cuida o livro não apenas do que o título sugere, mas oferece também alguns capítulos sobre a Nação brasileira, nem sempre com informações muito corretas. Vê-se que o jornalista inglês pouco conhecida de nosso País. Mas, demonstrou ter lido alguns livros bons, como os dos missionários Kidder e Fletcher, os de Wallace e Bates (estes sobre a Amazônia), o de Elisée Réclus e particularmente o de Percy A. Martin, que parece ter sido sua principal fonte. *O Brasil em Haia* é hoje livro bastante raro e embora muito discutível quanto ao seu caráter, não pode deixar de figurar numa bibliografia brasileira. 23-8-1989.

*

201. A PROPÓSITO DOS "DIÁLOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL"

Embora haja 99% de probabilidade de haver sido Ambrósio Fernandes Brandão o autor dos famosos *Diálogos das Grandezas do Brasil*, o 1% que está faltando tem sido o fator único da cautela que faz com que o importante texto seiscentista continue sendo editado sem indicação de autor. Capistrano de Abreu, no prefácio à edição da Acade-

mia Brasileira (a primeira em livro) recusou-se a discutir o problema, julgando-o de somenos. Afirmou, mesmo, que em vez de se discutir quem foi ou não foi o autor do livro, melhor seria tomá-lo e aproveitá-lo no que ele tem de bom. E que nele há muita coisa boa é indiscutível. Prova-o a freqüência com que, desde 1883, vem sendô editado, somando-se até agora nove edições, o que, de fato, é significativo para um texto do período colonial.

Escrito em forma de diálogo (como o título o indica) entre um português recém-chegado (Alviano) e um morador da terra (Brandônio), um pergunta e outro informa. E desta maneira, decorre o livro através de seis longos diálogos. De seu valor já se ocuparam quantos têm cuidado da fontes para a história do Brasil colonial, sendo inútil, pois, repetir aqui o que tantos já escreveram. Tirando a obra clássica de Antonil, talvez não haja texto mais valioso sobre os tempos coloniais. Escrito provavelmente nas imediações de 1620, no entanto permaneceu inédito por mais de 200 anos, só vindo a lume em 1883/1887 e ainda publicado em capítulos ao longo de quatro volumes da preciosa "Revista do Instituto Arqueológico, Geográfico e Histórico Pernambucano". Em 1900, Capistrano de Abreu reeditou-o, também parceladamente, nas páginas do "Diário Oficial", do Rio de Janeiro. Só em 1930 foi que o valioso texto apareceu pela primeira vez em livro, na já citada edição da Academia Brasileira, que traz, além da introdução de Capistrano, valiosas notas de Rodolfo Garcia.

A partir de então, sucederam-se mais seis edições do famoso livro. A de Jaime Cortesão, de 1943, trouxe a indicação explícita da autoria de Ambrósio Fernandes Brandão, o mesmo ocorrendo com a edição "Ouro", de 1968. Todas as demais calaram o nome do autor, embora seus responsáveis afiançassem a probabilidade da autoria explicitamente declarada por Jaime Cortesão. A José Antônio Gonçalves de Mello, historiador pernambucano, deve-se a publicação, em 1962, de outro apógrafo dos *Diálogos*, localizado em Leiden, na Holanda. É um pouco mais extenso que o texto até então divulgado. Deste novo apógrafo, duas edições foram publicadas, ambas oficiais (Imprensa Universitária do Recife), portanto de circulação restrita, inacessível à maior parte dos leitores. Tive o privilégio de conhecê-las através de amigos e colegas recifenses.

A última edição dos *Diálogos* (Melhoramentos) data de 1977, numa bonita apresentação integrando a coleção "Memória Literária", da grande editora de São Paulo. 30-8-1989.

202. À MEMÓRIA DE UM GRANDE EDUCADOR

Com o falecimento há pouco mais de um mês do professor Antônio D'Ávila, perdeu nosso País uma das suas maiores figuras nos domínios do Ensino e da Educação. Dedicou toda sua vida ao magistério, do primário ao universitário. Deixou numerosos livros para a formação de professores, versando sobre didática, língua portuguesa e instrução moral e cívica, as três áreas de sua preferência. E também sobre história e literatura infantil. Emprestou o brilho de sua inteligência e capacidade à nossa antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, para a qual o saudoso monsenhor Salim o convidou, logo no início dos cursos, na década de 40. Circunstâncias diversas impediram-no de continuar. Mas continuou sempre ligado a Campinas, onde contava com numerosos amigos que a todo instante por ele perguntavam.

Comprazia-se Ávila - no que, aliás, fazia bem - em tirar do esquecimento grandes vultos do ensino paulista: Lourenço Filho, Sud Mennucci, Almeida Júnior, Sampaio Dória, João Kopke, entre outros. O que sobre o assunto escreveu daria um livro e constituiria excelente subsídio à história da Educação em São Paulo.

Sempre tive com ele excelente relacionamento. Por algum tempo, fomos vizinhos, morando no mesmo edifício e apartamentos na capital paulista, o que nos proporcionava com convívio freqüente. Depois, tornamo-nos confrades no Instituto Histórico e Geográfico e na Academia Paulista de Educação, entidades que sempre freqüentou com grande assiduidade, enquanto suas condições de saúde o permitiram. Tive nele excelente colaborador na *Notícia Bibliográfica e Histórica*, publicação pela qual sempre se interessou e quase toda a correspondência que trocávamos era a respeito de matéria publicada nas páginas desta revista. Quando promovi, em Campinas, sob os auspícios de nossa Universidade Católica, o Primeiro Congresso de História de São Paulo (1972). Ávila foi dos primeiros que aderiram à idéia do certame, a ele comparecendo e contribuindo com valioso trabalho sobre a história do Jardim da Infância de São Paulo.

Nunca encontrei quem resgatasse louvores às suas qualidades, tanto intelectuais como morais. Padrão de excelência da cultura de nossa terra, foi com justiça que a Academia Paulista de Educação ortogou-lhe, no início do ano, o título de "Educador do Ano". Ausente do próprio Estado por ocasião de seu falecimento, não tive oportunidade de me manifestar, como seria de meu dever, fazendo-o agora nesta pequena página de saudade à memória do grande educador, legítimo, "varão de Plutarco" da terra paulista. 13-9-1989.

Faint, illegible text at the top of the page, possibly a header or introductory paragraph.

Main body of faint, illegible text, appearing to be several paragraphs of a document.

Faint, illegible text at the bottom of the page, possibly a conclusion or footer.